

HISTÓRIAS DA AVOZINHA
Figueiredo Pimentel

Livro para crianças

Contendo cinqüenta das mais célebres, primorosas, divinas e lindas histórias populares, morais e piedosas (todas diferentes dos outros volumes de contos pertencentes a esta biblioteca), colecionadas umas, escritas e traduzidas outras por

FIGUEIREDO PIMENTEL

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

Pela terceira vez editamos um livro de contos para crianças.

Animou-nos tal cometimento o extraordinário sucesso dos anteriores – *Contos da carochinha* e *Histórias do arco da velha* – que obtiveram êxito extraordinário, raro, nos anais da livraria brasileira.

Em verdade, ambos esses livros – dizemo-lo com orgulho – vieram preencher sensível lacuna: neles estão reunidos muitíssimos contos populares, que andavam espalhados exclusivamente na tradição oral, passando de geração em geração, sem no entanto nunca haverem sido colecionados escritos.

Continuamos hoje a série tão auspiciosa e brilhantemente encetada, publicando este terceiro volume – *Histórias da Avozinha*.

Estamos certos que o presente livro, alcançará o mesmo estrondoso sucesso dos dois antecedentes, porque encerra novos contos, a maior parte inteiramente inéditos, e que não estão enfeixados nas *Histórias do arco da velha*, nos *Contos da carochinha*, ou qualquer outra coleção nossa, ou das que ultimamente têm feito aparecer a inveja e a imitação dos exploradores de idéias e trabalhos alheios.

As crianças brasileiras, às quais destinamos e dedicamos esta série de livros populares, encontrarão nas *Histórias da Avozinha* agradável passatempo, aliado a lições de moralidade, porque tais contos encerram sempre um fundo moral e piedoso.

E, só com a satisfação que experimentamos de sermos úteis aos nossos jovens patrícios, damo-nos por bem pagos de nosso trabalho.

Rio de Janeiro, 1896.

O EDITOR

O COMPANHEIRO DE VIAGEM

André, o bom Andrezinho, menino querido e estimado por todos que o conheciam, achava-se desesperado, banhado em lágrimas, aflito, porque sabia que o seu extremoso pai estava nos paroxismos finais da vida.

Só ele velava no pequeno e desguarnecido aposento onde jazia o moribundo. A lamparina acesa derramava amortecida claridade. Era noite alta.

De súbito, o velho, quebrando o silêncio, falou:

– Sempre foste bom filho, André, e, por isso Deus te ajudará na tua peregrinação pela terra.

Depois, olhou tristemente o filho, pela última vez; fechou os olhos para sempre e expirou. Estava morto, mas parecia dormir apenas um sono doce, calmo, tranqüilo, porque morrera serenamente, como um justo, que sempre fora.

André, compreendendo a terrível realidade, chorava amargamente. ajoelhado junto à cama, tendo entre as suas as mãos do seu amado morto, beijando-as com todo respeito, deixou-se ficar na mesma posição, sempre a chorar, até que, vencido pelo sono, exausto de fadiga, adormeceu.

Sonhou. Viu o Sol e a Lua inclinarem-se diante dele. Viu o velho, de perfeita saúde, sorrindo-se, alegre como outrora, nos seus dias de bom humor. Uma encantadora mocinha, tendo uma coroa de ouro sobre a bela cabeça ornada de louros cabelos, estendia-lhe a mão, enquanto seu pai lhe dizia: “Eis tua noiva, André. É a moça mais formosa do mundo inteiro”.

O menino despertou.

A agradável e radiante visão havia desaparecido. Ninguém se achava a seu lado: no quarto, só estavam ele e o cadáver.

No dia seguinte enterraram o morto. André acompanhou tristemente o enterro, lembrando-se que nunca mais havia de ver aquele a quem ele tanto amara, e por quem tanto fora amado. Ouvia o som da terra caindo sobre o caixão; ouviu os cantos suavíssimos das preces rezadas. E chorou. As lágrimas fizera-lhe bem, aliviando-o.

Olhou em torno de si. O sol brilhava majestosamente, dourando as árvores verdejantes, como se quisesse dizer-lhe: “Consola-te, Andrezinho, contempla este céu, tão azul, tão sereno! É nele que está teu pai rogando a Deus para que sejas eternamente feliz.”

E, ali mesmo, no cemitério, o mocinho protestou consigo mesmo:

– Prometo que serei sempre bom, porque quero reunir-me, um dia, a meu pai, que está no céu.

Em seguida, tendo ajoelhado e rezado mais uma vez, no sepulcro do seu querido morto, retirou-se para casa, ainda triste, porém, resignado, consolado.

Alguns dias mais tarde, André resolveu abandonar a sua aldeia natal, para correr mundo em busca de trabalho.

Firmemente resolvido a executar esse projeto, arrumou a sua trouxa, vendeu as poucas coisas que o velho deixara, conseguindo reunir apenas cinquenta mil-réis, e pôs-se a caminho, tendo ido primeiro ao cemitério despedir-se do seu querido morto.

Por muitos e muitos dias caminhou ele, sempre em frente, atravessando planícies, montes, vales, florestas e aldeias.

Por toda a parte, onde quer que chegasse, todos o acolhiam efusivamente, simpatizando à primeira vista com a sua fisionomia expansiva, leal, franca, honesta. E ninguém lhe recusava hospedagem.

Outras vezes, porém, longe dos povoados, quando a noite baixava, dormia ao deus-dará, quer em pleno campo, ao relento, quer abrigado em algum velho tronco de árvore anosa¹. Não receava as feras, os animais, os bichos venenosos, acolhendo-se sob a proteção de Deus.

Um dia jornadeava ele por uma extensa campina. Ao cair da tarde o tempo mudou bruscamente; enfarruscou-se² o céu, coberto de grossas nuvens negras. Ameaçava chuva. Trovões ribombavam. Relâmpagos cruzavam-se nos ares.

¹ Antiga.

² Enegrecer.

Ao longe, muito longe, erguida sobre um pequeno outeiro, alvejava uma capelinha.

André correu para ela; e, vendo a porta aberta, entrou, para fugir ao temporal, que acabava de desabar.

Ajoelhou-se a um canto, fez a sua oração e adormeceu.

Pelo meio da noite, despertou. A tempestade cessara. A noite tornara-se calma. Pela porta aberta, o luar entrava, iluminando a igrejinha.

Foi só então que o rapaz reparou: no centro da nave estava um esquife aberto, com um cadáver, que não haviam tido tempo de inumar. Não teve medo porém, pois sabia que os mortos não voltam; e que só os vivos fazem mal, quando são maus.

Depois de fazer uma breve oração, por alma daquele finado, ia de novo adormecer, quando ouviu barulho de passos. Ato contínuo, entraram dois homens: dirigiram-se para o caixão, e fizeram menção de carregar o corpo.

– Que querem os senhores com esse morto? perguntou o mocinho, intervindo. Deixem-no em paz, pelo amor de Deus!...

– Não, respondeu um dos dois malfeitores: Vamos atirá-lo fora, para servir de pasto aos urubus, porque ele nos devia dinheiro e morreu sem nos pagar.

– Ignoro a quanto montava a dívida, disse o moço. Toda a minha fortuna é cinquenta mil-réis. De bom grado lhos darei, se os senhores prometerem que não exercerão tão mesquinha vingança.

– Pois sim, concordaram os dois perversos. Já que o senhor paga por ele, deixá-lo-emos apodrecer sossegadamente.

André deu-lhe o dinheiro, e os malvados retiraram-se.

Ao amanhecer, o generoso mocinho saiu da igreja, e prosseguiu na jornada, embrenhando-se numa floresta que viu em frente.

Tendo-a atravessado, ao cabo de alguns minutos encontrou um rapaz, pouco mais ou menos de sua idade, que lhe perguntou:

– Para onde se dirige você, camarada?

– Vou por esse mundo em fora, até encontrar trabalho, respondeu Andrezinho.

– Então vamos juntos, que eu sigo o mesmo destino, disse o outro. E perguntou sem seguida: como te chamas?

– André... e tu?

– Miguel.

Os dois moços caminharam lado a lado, ambos alegres, ora rindo, ora cantando, conversando, despreocupados dos prazeres da vida e das fadigas da jornada.

Era dia alto, quando pararam para almoçar, à sombra de uma frondosa árvore, dividindo irmãmente o farnel que cada um trazia.

Pouco depois viram passar, a alguma distância do lugar em que se achavam, uma velhinha, muito velha, encarquilhada e trêmula, carregando um molho de lenha que havia catado na floresta. Curvada àquele peso, a custo caminhava a pobrezinha.

De súbito, a velha escorregou, e caiu no chão, soltando gritos lamentosos. Os dois companheiros correram prontamente em seu socorro, tentando levantá-la. Viram porém, que a infeliz havia fraturado uma das pernas.

André propôs carregá-la até a casa, mas Miguel sossegou-o. Tirou do bolso uma pomada, esfregou no lugar fraturado, e a velhinha depressa ficou curada, como se nada houvesse sofrido.

Querendo pagar o relevante serviço que Miguel acabava de lhe prestar, a velha presenteou-o com três varinhas verdes que colhera, dizendo-lhe que eram preciosíssimas.

Sorriu-se André, vendo a insignificância do presente, mas Miguel guardou-as com o máximo cuidado, pois sabia que virtude continham, e de que maneira se serviria delas.

Os dois amigos caminharam o dia inteiro; e quando a noite desceu, repousaram ao luar, sem cama, nem travesseiros, ao ar livre, mas assim mesmo satisfeitos.

Rompeu a aurora. Pelo meio-dia, seguindo por extenso campo a perder de vista, sob um sol causticante, os dois companheiros encontraram um soldado caído, sem fala, exausto de forças, semimorto.

Miguel tirou do seu saco de viagem um vidrinho, abriu com uma faca os dentes cerrados do soldado, e fê-lo engolir algumas gotas do líquido – uma água vermelha, que o frasco continha. Imediatamente o militar voltou à vida: comeu um pedaço de pão e queijo, que lhe ofereceu André; e pode marchar.

Querendo testemunhar ao generoso Miguel o seu reconhecimento, obrigou-o a aceitar a espada que trazia; e despediu-se deles.

À tarde jornadeavam ainda os rapazes, quando ouviram nos ares os sons deliciosos de uma doce música. Levantaram a cabeça, e viram um grane cisne branco, que cantava...cantava...enfraquecendo gradualmente a voz... voando cada vez menos...descendo...descendo... até cair morto, junto aos dois companheiros de viagem.

Miguel, vendo-o morto, servindo-se da espada que lhe dera o soldado a quem socorrera, cortou-lhe as asas, dizendo para o seu camarada:

– Estas asas valem ouro, meu amigo. Vou levá-las.

E meteu-as no saco, em companhia das três varinhas da velha e do sabre do soldado.

Passados dois dias mais, chegaram finalmente a uma grande e populosa cidade, que souberam ser a capital do reino de Mogador.

Pernoitando numa hospedaria, informaram-se com o hoteleiro dos usos e costumes da terra.

Souberam que o rei Iris IV era excelente príncipe, dotado de bom coração, o que não sucedia, porém, com a princesa Lucília.

Essa moça, extraordinariamente formosa, causando pasmo a todas as pessoas que a viam, um só minuto que fosse, era cruel, era má, era perversa.

O rei querendo casá-la, ela permitiu a todo mundo pretender-lhe a mão, quer fosse fidalgo ou plebeu, milionário ou mendigo, sob a condição de adivinhar, em três dias consecutivos, no que estaria ela pensando no momento de falar ao pretendente. Se a pessoa adivinhasse, desposa-la-ia, vindo a reinar por morte do pai; se não adivinhasse, morreria enforcada na praça pública.

Mais de dois mil rapazes, de todas as classes, de todas as partes do globo, haviam se sujeitado a tais condições, mas nem um só conseguira adivinhar-lhe os três pensamentos.

E Lucília, bárbara, impiedosa, sem coração, não tivera pena de um só, mandando enforcá-los todos.

Iria IV afligia-se com aquilo, mas nada podia fazer. O povo também sofria.

André ficou horrorizado, ouvindo a narração daquelas atrocidades: e amaldiçoava a princesa, opinando que devia ser açoitada, para castigo da sua maldade.

Ainda estava sob ão desagradável impressão, quando ouviu na rua grande rumor de gritos, exclamações, hurras e vivas. Correu à janela. Era a princesa Lucília, que

passava montada a cavalo, e o povo aplaudiu-a, subjugado pela sua extrema beleza, todas as vezes que a avistava.

Mal a viu, André empalideceu. Era a visão, que vira em sonhos, no dia da morte de seu pai. Ficou alucinado. Esqueceu tudo quanto acabavam de lhe contar, para amá-la, amá-la doidamente, apaixonadamente.

Desde esse momento, tomou a resolução inabalável de se apresentar candidato à sua mão. Debalde o hoteleiro, que logo com ele simpatizara, lhe repetiu que a princesinha, por demais perversa, não tinha coração, espalhando-se mesmo a lenda de que era uma feiticeira, auxiliada pelo Diabo. Debalde o seu companheiro de viagem tentou dissuadi-lo daquela terrível idéia.

André não os atendeu. Na manhã seguinte, vestiu-se o melhor que pôde, e encaminhou-se para o paço, pedindo uma audiência ao rei.

Assim que o soberano viu aquele moço, formoso, simpático, alegre, atraente, e soube que se apresentava como candidato à mão de sua filha, ficou desesperado. Contou-lhe com a máxima franqueza qual era o caráter da maldosa princesinha, e mostrou-lhe num dos jardins reais, esqueletos sem conta dos pretendentes.

Não conseguiu, porém, fazê-lo mudar de resolução.

Então, o velho monarca mandou chamar Lucília, apresentou-lhe André, que ao vê-la mais apaixonado ficou.

Marcou-lhe o dia seguinte para a primeira prova de adivinhação.

Na cidade, a consternação era geral. Lastimavam todos a sorte do belo e amável estrangeiro, pois ninguém duvidava que havia de ser fatalmente vítima da maldade de Lucília. Fizeram-se preces públicas. Fecharam-se os teatros: nem um só divertimento público funcionou. Toda a gente trajava luto.

Ele era o único que se conservava calmo, contando que Deus o auxiliaria no momento da adivinhação.

À noite deitou-se tranqüilo, como costumava, depois de ter feito as suas orações, e não tardou em adormecer.

Miguem, também, deitou-se em outra cama, no mesmo quarto da estalagem, e fingiu que dormia. Assim, porém, que viu o companheiro ferrado no sono, levantou-se sorrateiramente. Abriu o seu saco de viagem, apanhou as duas asas do cisne que matara, e colocou-as nas espáduas, bem grudadas, muniu-se de uma das três varinhas que lhe dera a velha da floresta; e, tornando-se invisível, voou pelos ares, em direção ao palácio de sua majestade el-rei Iris IV, soberano de todo o vastíssimo país de Mogador e terras circunvizinhas.

Aí esperou algum tempo. Pouco depois, viu abrir-se uma das janelas dos aposentos da princesa, e ela aparecer, voando com asas pretas, envolta num grande véu de filó alvíssimo.

Miguel, sempre invisível, voou acompanhando-a, mas a fustigá-la com a varinha, sem piedade.

Longa foi a viagem pelos ares, até que finalmente chegaram a uma gruta que havia no meio da mata. Morava aí o horrível feiticeiro Barraguzão, que era o padrinho de Lucília.

A moça, tendo entrado, contou-lhe o que se havia passado: a chegada do novo pretendente, a vinda dela pelos ares, sentindo, entretanto, que a açoitavam. Pediu-lhe conselho como responderia no outro dia, por ocasião da audiência.

O infame bruxo explicou-lhe que as pancadas que ela sentira eram da neve, caindo; e recomendou-lhe que, no momento em que André se apresentasse para lhe adivinhar o pensamento, pensasse numa coisa muito simples. E combinaram que seria nas botinas dela.

Lucília despediu-se; e voltou, voando pelos espaços, sempre seguida de Miguel, que invisivelmente, não cessou de chicoteá-la, até chegarem ao palácio.

O misterioso companheiro, deixando a moça entrar, voltou para a hospedaria; desgrudou as asas, que guardou cuidadosamente, e deitou-se, sem que Andrezinho houvesse dado por falta dele.

Este acordou cedo, e começou a vestir-se, sem se preocupar sequer com a sorte que lhe estaria reservada se não adivinhasse o pensamento da princesa. Todo entregue à sua paixão, só pensava em Lucília, amando-a cada vez mais.

Quando ia saindo para o palácio, para se submeter à primeira prova, ainda não havia decidido como responder.

Então, Miguel chamou-o e aconselhou-o:

– Olha, André, naturalmente a princesa para te desnortear, há de pensar numa coisa muito simples. Assim, acho que deves lembrar de um dos objetos de seu vestuário: nas botinas, por exemplo.

– Pois sim, respondeu ele. Direi que é nas botinas que ela está pensando.

No momento solene da audiência, perante a corte reunida, em presença do rei e dos grandes dignatários do reino, André compareceu. Lucília, lá estava, deslumbrante de beleza, mocidade e graça, sentada num trono de ouro e marfim.

– Então, em que estou pensando?

– Nas botinas de vossa alteza, respondeu o moço.

A princesa ficou desapontada, mas não teve remédio senão confessar que era verdade. Entretanto não desanimou, recordando-se que ainda faltavam duas provas, não sendo provável que o pretendente se saísse tão bem em ambas.

André passou o dia inteiro satisfeitíssimo, e assim todo o povo. Já tinham alguma esperança que o jovem estrangeiro pudesse adivinhar os outros dois pensamentos.

À noite, o rapaz deitou-se calmamente, confiando em Deus. Logo que o viu adormecido, Miguel levantou-se devagarinho, como fizera na véspera, apanhou outra vez as asas do cisne e a segunda das três varas que lhe dera a velhinha da floresta.

Repetiu-se ponto por ponto a cena da noite anterior. O misterioso companheiro de viagem, voando invisivelmente pelos espaços, acompanhou Lucília, fustigando-a sempre, até a caverna do horrível bruxo.

Aí, narrou Lucília o que se tinha passado, e Barragazão, o feiticeiro, aconselhou-a a que se pensasse nas luvas.

Migue, o que tudo ouvira, ao despertar disse a André que havia sonhado toda a noite com a princesinha e suas luvas, e pois aconselhava-o a que se referisse a elas, quando lhe perguntasse em que estava pensando.

O moço obedeceu, e Lucília quase morreu de dor, vendo-o adivinhar pela segunda vez o seu pensamento.

A população estava em delírio, sabendo que havia sido coroada de bom êxito a segunda prova. Fizeram-se deslumbrantes festas, para comemorar o acontecimento.

Na terceira noite, André dormiu calmo e sereno, como nas precedentes, e Miguel levantou-se sem barulho. Abriu o seu saco de viagem; grudou nas omoplatas as duas asas brancas do cisne; munuiu-se da terceira e última varinha com que o brindara a velha da floresta; pôs à cinta a espada do soldado que socorrera; e, descerrando a janela, voou em direção ao palácio real.

Pouco depois, do mesmo modo que nas noites anteriores, apareceu Lucília, e ambos, Miguel – sempre invisível, açoitando-a sem cessar – voaram para a caverna do feiticeiro.

Longa foi a confabulação. A princesa estava desesperada, porque André já tinha adivinhado duas vezes seguidas, e podia sair-se bem da terceira.

O bruxo, porém, sossegou-a:

– Não! ele tem acertado porque tens pensado em coisas simples. Amanhã pensarás em minha cabeça. O estrangeiro não me conhece, naturalmente não sabe sequer que existo, e assim perderá.

Lucília, muito satisfeita, aceitou o conselho: e partiu para o palácio.

Miguel deixou-a sair; e, vendo-se só com Barraguzão, puxou da espada, e, de um golpe, lhe decepou a cabeça. Embrulhou-a num lençol, e voou para a estalagem.

À hora da audiência, André pediu-lhe conselho como deveria responder, vendo o bom êxito das duas primeiras vezes.

Então Miguel deu-lhe o embrulho, contendo a cabeça do feiticeiro, recomendando que só o abrisse no instante em que a princesa lhe perguntasse no que estava ela pensando.

O moço executou fielmente o que mandara o seu misterioso amigo.

Lucília, mal avistou a cabeça do bruxo, compreendeu tudo, mas não teve remédio senão receber o estrangeiro como esposo.

Celebraram-se imponentíssimos festejos para a realização do casamento. O povo inteiro exultou de alegria.

Entretanto a formosa princesa, perversa como era, não amava o noivo.

Foi ainda Miguel que o socorreu. Deu-lhe um frasquinho contendo um precioso líquido cor de ouro, recomendando-lhe que o misturasse no chá de Lucília, na noite do casamento.

A moça, ao bebê-lo, sentiu uma grande dor no peito, mas ao mesmo tempo olhou terna e amorosa para o esposo.

Lucília amava pela primeira vez na vida, e continuou a amar. Estava quebrado o encanto.

No dia seguinte, Miguel apareceu ao companheiro, e disse-lhe:

– Eu sou a alma daquele morto, a quem não consentiste que dois perversos atirassem no campo para servir de pasto aos urubus. Com o único dinheiro que possuías, compraste a minha tranqüilidade no túmulo. Porque foste bom, Deus te protegeu.

Agora minha missão está finda.

Sê feliz!

Acabando de pronunciar tais palavras, transformou-se em luminosa nuvenzinha, e desapareceu nos ares.

O AVÔ E O NETINHO

Bastante velho já, fatigado por uma longa existência de trabalhos e canseiras, exausto de forças e doente de velhice – porque a velhice é, também, uma doença –

estava tio Benedito, o bom e estimado velhote tio Benedito: oitenta anos pesavam-lhe às costas, como um grande fardo que ele a custo carregasse.

Na sua mocidade, e mesmo durante parte da velhice, ninguém trabalhara mais que ele, honesto sempre, mourejando, dia e noite, para sustento de sua família.

Não podendo fazer serviço algum, alquebrado pela idade, veio morar em casa de Augusto, seu filho mais moço, já com um filhinho de três para quatro anos, o pequenino e interessante Luís, vivo e esperto como poucos.

Velho e enfermo, qual estava, tio Benedito como que vovera à primeira infância; e, por isso, eram precisos inúmeros cuidados com ele, que mal se sustinha sozinho, trêmulo, muito trêmulo, quase sem poder andar.

Quando se sentava à mesa, para o almoço e para o jantar, derramava sopa na toalha, quebrava pratos e copos, com as mãos fracas, como uma criança arteira e estouvada.

Augusto, e sua mulher, Henriqueta, aturavam-no com dificuldade, zangados, contrariados, aborrecidos principalmente com o prejuízo diário que o pai lhes dava.

Afinal, não podendo mais suportar o velho, resolveram comprar uma cuia; e às horas das refeições sentavam-no no chão, perto da mesa dando-lhes a comida naquela tosca vasilha.

Quando Luisinho, o pequenino, viu que o avô não se sentava mais à mesa, ficou triste, mas não disse palavra. Estranhou aquilo porque a sua almazinha desabrochava formosamente para o bem; e se não manifestou a sua impressão, foi por supor que assim se fazia sempre com os velhinhos, que não se sentavam à mesa, nem comiam em pratos, como os outros.

O pequeno Luís era o único que verdadeiramente estimava o ancião, próximos entre si aquela primavera e aquele inverno, aquela criança e aquele velho, ambos na infância, ambos no crepúsculo da vida.

Dias depois, Augusto e Henriqueta viram o filho entretido a brincar com alguns pedaços de tábuas, um martelo e pregos, como não tinha por costume fazer.

A mãe, estranhando aquilo, perguntou:

– Que estás fazendo aí, Luisinho?

– Estou fazendo um prato, para dar de comer a papai e mamãe, quando eu for grande, e eles já estiverem velhinhos como vovô, respondeu ingenuamente a criança.

Henriqueta e Augusto entreolharam-se confusos, vexados e arrependidos da sua ingratidão, e de novo trouxeram o pai para se sentar à mesa, em sua companhia.

Desde então, trataram-no com todo o respeito, o desvelo e a consideração que os filhos devem aos pais.

O SOLDADO E O DIABO

Contam que, em outros tempos, há milhares e milhares de anos, quando nada existia do que hoje existe, viveu em certa cidade um rico fidalgo, o barão de Macário, tão poderoso e opulento, quão orgulhoso e mau.

Uma tarde, achava-se ele no seu escritório, contemplando avaramente a grande fortuna que acumulara, roubando aos pobres, às viúvas e aos órfãos, emprestando dinheiro a juros elevados, quando, de súbito, se sentiu tocado por um raio de bondade, até então jamais experimentado pelo seu coração empedernido.

Lembrou-se que já estava velho; e que, com aquela idade, nunca fizera o menor benefício a pessoa alguma, sem ter dado jamais uma única esmola sequer. Arrependeu-se, então, do seu passado.

Nessa mesma tarde, Augusto, um infeliz sapateiro, seu vizinho, que vivia na maior pobreza, carregado de filhos, veio bater à porta, suplicando que lhe emprestasse cem mil-réis, para se ver livre de uma penhora, e poder comprar o material que precisava para os trabalhos de sua profissão.

– Em vez de cem-mil réis, dar-te-ei um conto de réis, Augusto; disse o barão, com a condição, porém, que, se eu morrer primeiro, você irá vigiar meu túmulo, nas três primeiras noites depois do meu enterro.

O sapateiro prometeu, acochado como estava pela necessidade, e o fidalgo deu-lhe o conto de réis.

Dois meses depois, o barão de Macário morreu; e Augusto, lembrando-se de sua promessa, como era homem de promessa, foi cumprí-la.

Duas noites passou ele em claro, no cemitério da cidade, cheio de medo, mas sem que ocorresse novidade alguma.

Na terceira e última, dirigia-se para ir velar junto no túmulo, quando avistou um soldado encostado a um mausoléu.

– Eh! camarada! bradou. Que fazes aí? Não tens medo de estar no cemitério?

– Eu não tenho medo de coisa alguma, respondeu o militar. Vim para aqui, porque não tenho onde pousar esta noite.

Puseram-se ambos a conversar, enquanto o sapateiro contava ao soldado por que motivo ali se achava.

Passou-se o tempo, sem que eles o sentissem, quando o relógio da torre da igreja bateu compassadamente as doze badaladas fúnebres da hora terrível da meia-noite!...

Então, nesse momento, próximo deles surgiu de súbito, sem que soubessem de onde vinha, um homem vestido de vermelho, com os olhos chispando fogo, e cheirando fortemente a enxofre.

Era o diabo, que lhes ordenou:

– Retirem-se daqui, rapazes! a alma deste homem, que foi um grande usurário na terra, pertence-me, e eu vim buscá-la.

– Senhor vestido de vermelho, disse o soldado, o senhor não é meu superior, nem mesmo um oficial. Não posso, pois, obedecer-lhe; e, assim, digo-lhe que se retire daqui, pois aqui chegamos primeiro.

O diabo, vendo aquele militar destemido, não quis puxar barulho, e lembrou-se de comprá-lo, perguntando-lhe quanto queria para se ir embora.

– Aceito o negócio que me propõe, sr. Satanás. Basta que me dê o dinheiro em ouro, que uma das minhas botas puder conter.

O diabo saiu, e foi pedir emprestado a um judeu seu amigo, que morava naquela mesma cidade.

Enquanto não vinha, o soldado puxando o rifle, cortou a sola do pé direito, e colocou-a por cima de um túmulo aberto.

Quando Satanás chegou, vergado ao peso de um saco de ouro, esvaziou-a, peça por peça, dentro da bota. O dinheiro caía todo na sepultura.

– Olé! disse o capataz do Inferno, esta bota parece-me mágica!

– Vá buscar mais ... mandou o soldado.

Mais de dez sacos foram assim trazidos pelo diabo. As moedas escorregavam pelo cano da bota, e iam cair no túmulo, de modo que a bota jamais se enchia. Satanás, desesperado, ia trazendo saco por saco. Na ocasião em que carregava o décimo saco,

cheio de moedas de ouro, eis que amanheceu de repente. O galo cantou; o sol rompeu; e o sino da igreja bateu alegremente, chamando para a missa.

Satanás deu um berro e desapareceu...

Estava salva a alma do barão de Macário...

O soldado e o sapateiro Augusto repartiram entre si a grande fortuna que o diabo deixara na cova; e foram viver ricos e felizes, empregando uma boa parte do dinheiro em dar esmolas aos pobres.

O VIOLINO MÁGICO

Dário era um bom mocinho, alegre e esperto, estimado por todos que o conheciam.

Um dia despedindo-se de sua família e de seus amigos, saiu de casa, para ganhar honradamente a vida. Ele era o mais velho dos cinco filhos que tinha o tio Pedro; e como a miséria lhes batia à porta, forçoso foi que o moço saísse, para não sobrecarregar o pai, em prejuízo dos irmãos menores, e também para ver se melhorava de sorte.

Ao despedir-se, o pai lhe dera por toda fortuna uma moeda de prata; e ele julgou-se rico, porque não conhecia o valor do dinheiro.

Caminhava alegremente pela estrada que conduzia à cidade, quando encontrou um velhinho, abrigado à sombra de uma árvore, gemendo e chorando.

Dotado de excelente coração, Dário tratou desveladamente do enfermo, e deu-lhe a sua única moeda de prata.

O velhinho, agradecido, disse:

– Já que foste tão caridoso, vou fazer-te um presente. Aqui tens este violino. todas as vezes que o tocares, quem o ouvir não poderá resistir ao desejo de dançar.

Dário saiu satisfeito com o presente, e pouco adiante, encontrou-se com um judeu, homem avarento, que espoliava todo o mundo, emprestando dinheiro a altos juros, em troca de bons e valiosos penhores de prata, ouro e pedras preciosas, que nunca mais entregava aos respectivos donos.

Naquele mesmo instante o judeu acabava de perder um vintém, e procurava-o aflitadamente, como se se tratasse de imensa fortuna.

O moço ofereceu-se para ajudá-lo; e, como tinha boa vista, enxergou a moeda de cobre caída no meio dos espinhos. Ia apanhá-la, mas o avarento não o consentiu, pensando que Dário fosse capaz de roubá-la.

– Ah! judeu, disse Dário consigo mesmo: desconfias de mim! Deixa estar que mo pagarás...

Esperou sentado; e, assim que viu o miserável dentro dos espinhos, começou a tocar o violino.

O judeu, escutando aqueles harmoniosos sons, começou a dançar; e quanto mais Dário tocava, tanto mais ele saltava, quase sem fôlego, rasgando a roupa, ferindo-se nos espinhos.

– Pára!... Pára!... cessa esse violino do diabo! Pára, que já não posso mais! berrava o judeu, desesperado, sempre a dançar.

O rapaz, porém, continuava sempre a vibrá-lo.

– Pelo amor de Deus, pára com essa música, que te darei uma bolsa de ouro!... disse, enfim, o avarento.

– Ah! isso é outro modo de falar! respondeu o mocinho, emudecendo o mágico violino, depois que o judeu atirou a bolsa.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

